

O culto de Santa Ana apareceu no Ocidente, no tempo das cruzadas, graças às supostas relíquias trazidas da Terra Santa e de Constantinopla. O principal difusor desta devoção a Santa Ana, nos finais do século XV, foi o humanista alemão Tritémio que, em 1494, publicou um tratado sobre o véu da mãe da Virgem Maria.

Um curioso dado da sua popularidade foi a utilização em larga escala, a partir desta época, do nome de Ana tal como o de Maria, como nome próprio. O nome de Maria Ana ou de Mariana é uma combinação do nome da Virgem com o da sua mãe.

Depois do Concílio de Trento, esta devoção caiu em desuso, embora nunca tenha acabado devido à famosa peregrinação de Sainte Anne d'Auray, na Bretanha, em França, que remonta a 1623, quando um camponês bretão desenterrou uma escultura pagã da deusa romana da fertilidade amamentando duas crianças, que os carmelitas fizeram crer que se tratava da Santa Ana com a virgem e o menino de joelhos.

Outra razão da popularidade de Santa Ana tem a ver com o facto de ser padroeira de diversos ofícios e profissões, desde os carpinteiros,

marceneiros, mineiros, tanoeiros, tecelões e ourives a vassoureiros, costureiras e luveiros.

Geralmente é representada como uma mulher idosa com um livro, só ou acompanhada da virgem, que, neste caso, ensina a ler. Usa um manto verde que representa a esperança. Esta escultura de madeira policromada e estofada a ouro brunido tem uma clara influência da escola de Machado Castro, o mais importante escultor português de setecentos.

<http://museu-angra.azores.gov.pt/museu-aberto>

